CONSTRUÇÃO CIVIL: INFORMALIDADE ALTA E RECUPERAÇÃO AINDA DISTANTE

Baixa perspectiva de recuperação de emprego, renda e investimentos mostra que crise não está perto do fim

Fernando de Holanda Barbosa Filho *

A economia brasileira vive uma crise sem precedentes. O PIB caiu 3,8% em 2015. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV/IBRE), o PIB deverá cair cerca de 3,5% em 2016 e apresentar fraca recuperação em 2017, com crescimento de 0,5%. Levando-se em consideração somente os anos de 2015 e 2016, e observando-se o crescimento populacional pouco acima de 1% ao ano, observamos em dois anos uma redução do PIB per capita de quase 10%.

Uma crise deste tamanho afeta praticamente todos os setores da economia. No entanto, a atual crise tem afetado de forma especialmente severa o setor de construção. A redução da renda do trabalho (2,8%), da massa salarial (4,8%) e o elevado endividamento das famílias prejudica a venda de unidades para habitação. Ao mesmo tempo, as investigações da Operação Lava Jato e seus impactos sobre as grandes empreiteiras do país prejudicam a construção de grandes obras de infraestrutura.



Peso relativo da construção no PIB, que se elevou de 2006 a 2013, passou a declinar a partir de 2014

Por fim, as baixas perspectivas de crescimento de emprego e renda no curto prazo, a baixa capacidade de investimento do governo e os ainda imprevisíveis reflexos da Operação Lava Jato no setor formam o cenário de grande dificuldade no futuro próximo.

Perfil dos ocupados

O setor de construção civil é um dos mais informais de nossa economia. Entretanto, no período entre 2002 e 2015 observou-se na construção o mesmo processo de formalização que ocorreu na economia brasileira. De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, houve neste período uma elevação do percentual de trabalhadores com carteira de trabalho de 8,6 pontos percentuais (p.p.) e redução do peso relativo de trabalhadores sem carteira dos mesmos 8,6 p.p., como mostra a Tabela 1. No mesmo período, o total de trabalhadores por conta própria se manteve estável na faixa dos 22%, enquanto o percentual de empregadores ficou na casa dos 5%.

Trabalhadores por conta própria podem ser formais, pois a legislação permite que os mesmos obtenham o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Um exemplo é o Microempreendedor Individual. Com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE, podemos saber a parcela de empregadores e de trabalhadores por conta própria, atuantes no setor de construção, que são formais. A Tabela 2 mostra o percentual de trabalhadores por conta própria e de empregadores que possuem o CNPJ.

Os dados da Tabela 2 mostram que, na construção civil, trabalhador por conta própria e informal são praticamente sinônimos, pois mais de 90% dos trabalhadores por conta própria trabalham de modo informal. Entre os empregadores, este número também é bastante elevado, 51%. Mas substancialmente menor do que a informalidade dos trabalhadores conta própria.

TABELA 1: TRABALHO NO SETOR DE CONSTRUÇÃO (EM %)
OCUPAÇÕES POR VÍNCULO AGREGADO

	Com Carteira	Sem Carteira	Conta Própria	Empregador
01/12/2002	50,4	23,0	21,5	5,1
01/12/2003	47,1	24,6	22,4	5,9
01/12/2004	47,5	25,3	21,6	5,6
01/12/2005	49,3	24,0	21,0	5,6
01/12/2006	49,9	23,1	21,6	5,4
01/12/2007	51,6	22,2	21,1	5,1
01/12/2008	53,5	20,9	20,4	5,1
01/12/2009	53,4	21,0	20,7	4,9
01/12/2010	56,2	19,2	19,8	4,9
01/12/2011	58,2	17,6	19,5	4,8
01/12/2012	58,6	17,4	19,2	4,8
01/12/2013	60,0	15,3	19,9	4,9
01/12/2014	60,2	14,6	20,4	4,7
01/12/2015	59,0	14,4	22,0	4,6

Fonte: Pesquisa Mensal de Emprego (PME-IBGE)

Na construção, mais de 90% dos trabalhadores por conta própria e 51% dos empregadores trabalham de modo informal

Outra forma de mensurar a informalidade é observar o pagamento ou não da contribuição previdenciária. A Tabela 3 mostra o percentual de contribuição previdenciária dos trabalhadores da construção civil por tipo de vínculo. Enquanto 100% dos empregados com carteira contribuem

TABELA 2: EMPREGADORES E CONTA PRÓPRIA POR CADASTRO NACIONAL DE PESSOA JURÍDICA NO SETOR DE CONSTRUÇÃO
POSSUEM CNPJ

	Conta Própria		Empregador	
	Quantidade	%	Quantidade	%
Sim	285.852	7	157.764	49
Não	3.556.958	93	163.599	51

Fonte: Elaboração Própria com dados da PNAD Anual de 2014.

TABELA 3: CONTRIBUIÇÃO PREVIDENCIÁRIA DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL POR TIPO DE VÍNCULO
(EM %)

Com Carteira	Sem Carteira	Conta própria	Empregador	Trabalhador na construção para o próprio uso	Não remunerado
100,0	7,2	19,6	53,8	2,8	4,5

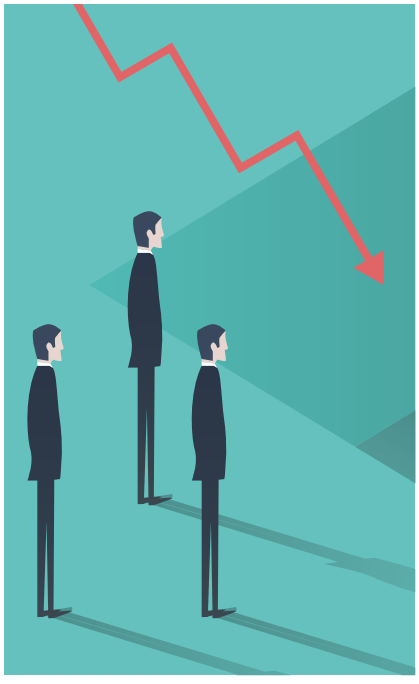
Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD anual de 2014

para a Previdência, somente 7,2% dos trabalhadores sem carteira o fazem. Para os trabalhadores por conta própria, menos de 20% contribuem para a Previdência. O percentual fica acima dos 50% entre os empregadores.

Crise Atual

O PIB brasileiro terá a sua segunda queda consecutiva em 2016. O Brasil passa por uma crise profunda, possivelmente a maior da história, com queda do PIB acumulada de cerca de 7% em um intervalo de dois anos. A construção civil apresenta números ainda piores do que estes, entrando em seu terceiro ano consecutivo de queda em 2016. A queda do PIB do setor de construção foi de 2,1% em relação a 2013 conforme dado revisto pelo IBGE. A queda de 2015 acelerou para 7,6% e a acumulada nos últimos quatro trimestres atinge 2,9%.

O peso relativo da construção civil no PIB brasileiro varia ao longo do tempo. O setor apresentou queda entre 2002 e 2006, caindo de 5,8% do PIB para 5% em 2006. Recuperou peso relativo entre 2006 e 2013, passando de 5% do PIB para 6,2% do PIB doméstico. Este resultado foi fruto de um crescimento de 6,3% da construção ante um crescimento de 3,9% do PIB. Agora, a construção encontra-se perdendo peso relativo devido ao fraco desempenho apresentado



Destruição do emprego formal no setor tem sido de 20 mil postos de trabalho por mês

desde 2014, como pode ser visto na Tabela 4.

A forte desaceleração do setor de construção desde 2014 se reflete em uma forte redução do número de contratos formais de trabalho. A construção atingiu seu pico de contratos de trabalho, com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), em setembro de 2013, com pouco mais de 3 milhões de empregos formais. O setor manteve nível de emprego próximo aos 3 milhões até setembro de 2014, quando se iniciou forte ciclo de redução dos vínculos, como pode ser visto na Figura 1.

O total de empregos no Caged sai de mais de 3 milhões de empregos formais para 2,228 milhões de postos formais. Ou seja, a forte redução no ritmo de crescimento da economia e do setor de construção reduziu em 27% o emprego formal do setor. E a crise não parece perto de seu fim! Não houve redução do ritmo de queda dos vínculos formais nos últimos meses. A destruição média de postos de trabalho é de cerca de 20 mil postos ao mês.

Perspectivas

Neste cenário, o que esperar nos próximos meses no setor de construção? A situação do país deve começar a mostrar sinais de melhora a partir do próximo ano, mas ainda de forma tímida. A previsão de cres-

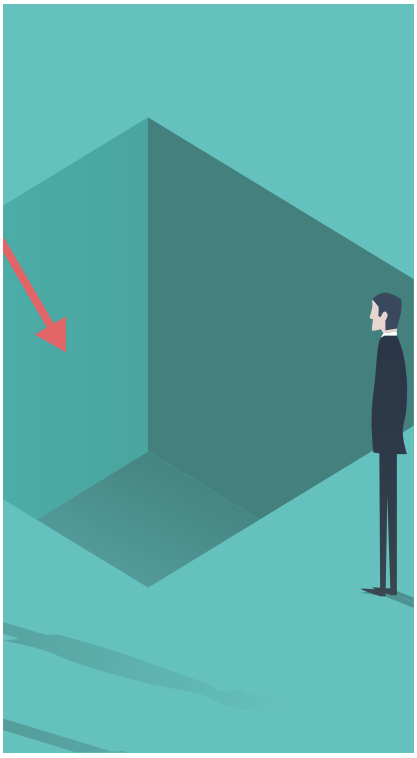
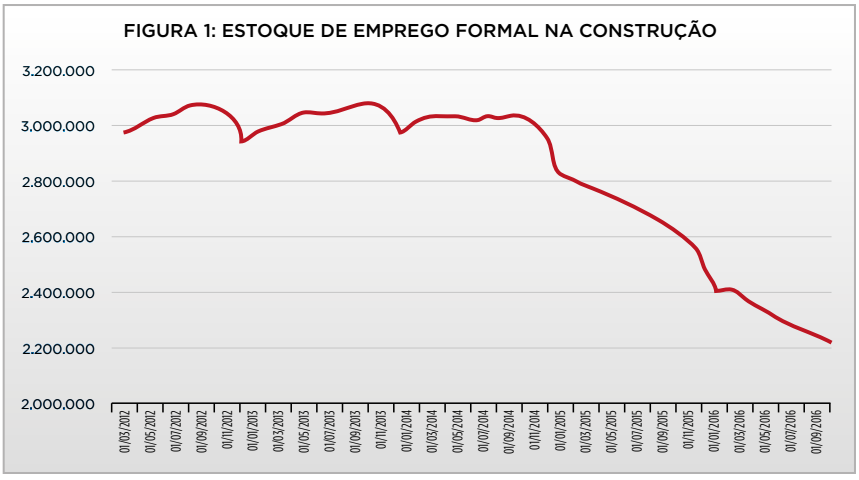


FIGURA 1: ESTOQUE DE EMPREGO FORMAL NA CONSTRUÇÃO



Se as licitações na área de infraestrutura forem bem-sucedidas, a recuperação poderá ser mais robusta

TABELA 4: TAXA DE CRESCIMENTO
(EM %)

	PIB	Construção	Participação no PIB
2002	3,1	4,8	5,8
2003	1,1	-8,9	5,2
2004	5,8	10,7	5,5
2005	3,2	-2,1	5,2
2006	4,0	0,3	5,0
2007	6,1	9,2	5,2
2008	5,1	4,9	5,2
2009	-0,1	7,0	5,5
2010	7,5	13,1	5,8
2011	3,9	8,2	6,1
2012	1,9	3,2	6,1
2013	3,0	4,5	6,2
2014	0,1	-0,9	6,2
2015	-3,8	-7,6	5,9
2006-2013	3,9	6,3	

Fonte: IBGE

cimento do Ibre/FGV para 2017 é de 0,5% para a economia e para o setor de construção.

Uma recuperação mais forte do setor habitacional parece ainda distante devido ao endividamento das famílias, ao menor crescimento de linhas de crédito e à baixa expectativa de crescimento da renda do trabalho no curto prazo. A massa salarial que deve crescer somente 1,2% em 2015. A menor concessão de crédito (Figura 2) adiciona dificuldade à área habitacional. As novas concessões diminuíram e o crédito imobiliário como fração do PIB, que cresceu de forma substancial entre 2007 e 2015, estagnou.

A surpresa positiva que pode contribuir com a construção é o sucesso das licitações para o setor na área de infraestrutura. Caso os leilões sejam bem-sucedidos, existe espaço para que o setor mostre recuperação mais robusta. No entanto, ainda há muita incerteza sobre o sucesso dos mesmos.

Neste cenário, a recuperação do emprego na construção deverá ser lenta, com a informalidade se mantendo elevada. Não parece haver motivos para comemorar nos próximos anos.

* Pesquisador e professor da FGV/IBRE.